



A condição do personagem na dramaturgia contemporânea: uma análise de *vocês que habitam o tempo* de Valère Novarina

Lígia Souza Oliveira

Programa de Pós Graduação em Letras - Literatura – Mestranda.

Literatura e outras Linguagens – Orientador Prof. Dr. Walter Lima Torres Neto

Universidade Federal do Paraná

Pesquisa Financiada pelo Programa Capes/Reuni

Dramaturgia – Núcleo de Dramaturgia SESI Paraná.

RESUMO

Este estudo tem o objetivo analisar na obra *Vocês que habitam o tempo* do dramaturgo francês Valère Novarina, a ideia de personagem a partir de um entendimento sobre o contemporâneo. Para tanto, se faz necessário, primeiramente, uma discussão do que se entende por dramaturgia contemporânea, juntamente com o levantamento sobre o desenvolvimento de uma concepção de personagem durante a história do teatro e do drama, a partir do livro de Robert Abirached. Por último, a pesquisa se debruça sobre a peça de Valère Novarina, já citada, dedicando-se ao estudo dos seres ficcionais presentes na obra a partir das chaves de entendimento encontradas no próprio texto e outros escritos do dramaturgo, estabelecendo-se, dessa forma, o início da discussão sobre o sujeito contemporâneo.

Palavras-chave: Dramaturgia Contemporânea; Personagem, Valère Novarina; *Vocês que habitam o tempo*;

The character's condition in the contemporary dramaturgy: an analysis of *Vocês que habitam o tempo* by Valère Novarina.

ABSTRACT

This study aims to analyze on the play *Vocês que habitam o tempo* by the french playwright Valère Novarina, the idea of character based on an understanding of the contemporary. For this, it is necessary, first, a discussion of what understood by contemporary drama, along with the survey about the development of a conception of character during the history of theater and drama based on the book by Robert Abirached. Finally, the research focuses on the play of Valère Novarina, already mentioned, dedicated to the study of fictional beings that its present on the play from the keys of understanding found in the own text and other writings of the playwright, settling, thus, the beginning of the discussion about the contemporary subject.

Keywords: Contemporary Drama, Character, Valère Novarina; *Vocês que habitam o tempo*;

La condición Del personaje en La dramaturgia contemporanea: un analisis de *Vocês que habitam o tempo* de Valère Novarina

RESUMEN

Este estudio pretende analizar en la obra *Vocês que habitam o tempo* del dramaturgo frances Valère Novarina, la idea de carácter basado en una comprensión del contemporáneo. Por lo tanto, es necesario, en primer lugar, una discusión de lo que se entiende por dramaturgia contemporánea, junto con la alzamiento sobre el desarrollo

de una concepción del personaje durante la historia del teatro y del drama, basado en el libro de Robert Abirached. Por último, la investigación se centra en la obra de Valère Novarina, ya citada, dedicándose al estudio de los seres de ficción en el presente trabajo, fundamentado en las claves de comprensión que se encuentran en el texto y otros escritos del dramaturgo, estableciendo así el inicio de la discusión sobre el sujeto contemporáneo.

Palabras clave: Dramaturgia Contemporánea, Personaje, Valère Novarina, *Vocês que habitam o tempo*;

PANORAMA GERAL DA PESQUISA

Seria justo afirmar que as obras de arte mais relevantes em cada período histórico prevêm aspectos reveladores acerca da experiência humana. Encontramos na história do teatro ocidental exemplos de como as obras dramáticas anteciparam pensamentos e situações sociais. Essas percepções se tornam posteriormente ideologias presentes nas convenções que regem o convívio social de maneira prática no cotidiano e também na subjetividade de cada ser humano.

Ao observar no percurso do teatro na Europa ocidental as precipitações que os personagens teatrais indicavam, tornou-se incitante e também desafiador perceber quais as diferenças e modificações que os seres ficcionais encontrados nas obras da contemporaneidade instauram num pensamento acerca do que se entende por ser humano na atualidade.

A obra do dramaturgo suíço Valère Novarina chegou ao Brasil por meio da pesquisadora e tradutora Ângela Leite Lopes, que desde a década de 90 vem traduzindo e difundindo a obra do dramaturgo no país. O ápice dessa recepção parece ter sido em 2009, quando a pesquisadora realizou o evento *Novarina em cena* integrando a programa do Ano da França no Brasil, contando, inclusive, com a presença do autor.

Na ocasião houve o lançamento do livro *Ateliê Voador/Vocês que habitam o tempo*, textos traduzidos por Ângela e editado pela 7 Letras, o quarto a ser traduzido pela pesquisadora. A publicação das obras foi a abertura de Valère Novarina no Brasil, já que a difusão da publicação impressa possibilita a abrangência de maior parte de leitores, artistas, pesquisadores e interessados.

Valère Novarina nasceu na Suíça em 1947 mas toda a sua formação se deu na França, passando pelos estudos de filosofia, literatura, artes plásticas e teatro. Considerado um dos autores mais encenados na França atualmente, sua obra chega ao Brasil através de textos para cena e reflexões acerca da palavra, do ator e da arte de

maneira mais abrangente. Porém, até mesmo esses textos reflexivos, se tornam potentes para a encenação dada a sua permanente relação com a língua em movimento, a oralidade.

Em todos os seus textos encontramos um pensamento e prática constantes acerca da língua e de suas possibilidades fora do uso cotidiano e também da relação do corpo do ator com essas palavras assim como com o público.

Confrontar-se com a obra de Valère Novarina requer uma confiança. O jogo linguístico que se instaura na leitura de sua obra convoca a necessidade da experiencição dessas palavras no espaço e tempo. Portanto, o leitor condicionado e acostumado às leituras menos arriscadas, pode, diante da palavra de Valère Novarina, incomodar-se com uma fala à procura da materialidade, constante na oralidade, na musicalidade da fala. Não há situações, acontecimentos, personagens e ações que se encaixam na ordem do cognoscível completo. A entrada do leitor/espectador na obra se dá através da aceitação do fato de que percorreremos um terreno nebuloso, onde a percepção e o instinto sensorial que advêm das próprias palavras, provocam, regem a experiência da obra.

Vocês que habitam o tempo não é diferente. A suspensão das palavras conduz o texto por caminhos imprevisíveis e singulares. E, sem a certeza dos pressupostos psicológicos da construção tradicional dos personagens, os seres ficcionais presentes na obra, nos convidam a perceber por meio das palavras uma maneira distinta de ser no mundo. Desvendar estas possibilidades é a intenção deste estudo.

A primeira parte dessa pesquisa se debruçou sobre um entendimento do que seria a dramaturgia na contemporaneidade, acompanhado de uma igual reflexão do ser ficcional que povoam essas escrituras. Para tanto, percebeu-se a necessidade de traçar um breve panorama histórico acerca do desenvolvimento de algumas noções chave da escrita dramática e do personagem na história do teatro ocidental. Passando pelos principais teóricos da escrita teatral, a construção de um percurso do personagem teatral se apoiou na obra de Robert Abirached que se apresenta de maneira extremamente rica e reveladora, implicando o entendimento dessa figura ficcional como um trajeto constante na relação entre o mundo, a palavra e o ator. Chegando à atualidade, a pluralidade de visões acerca do papel e da abrangência do texto para a linguagem teatral, nos forçou a um recorte das principais e mais

acessíveis teorias acerca da escrita teatral na contemporaneidade, apontando também a noção de sujeito em cada uma delas.

E antes de iniciar a análise e as discussões acerca da obra de Valère Novarina, o estudo ainda passou por uma discussão introdutória com base no texto do pesquisador e filósofo Giorgio Agamben *O que é o contemporâneo*. Esta obra embasa as discussões da atualidade que apontam, de maneira ainda nebulosa, questões atinentes ao ofício do artista e das obras de nossa época.

Posteriormente, adentrando na análise do personagem contido na obra *Vocês que habitam o tempo*, estágio atual da pesquisa, o estudo irá iniciar a reflexão percebendo que de maneira direta e quase automática, o ator no processo criativo tende a se relacionar com o texto através do ser ficcional, do personagem. Assim sendo podemos pensar que o elo entre a palavra do autor e a fala do ator, é o personagem. Essa questão nos leva a crer que o ponto nevrálgico da estrutura e do discurso da obra teatral de Valère Novarina é o personagem, já que a palavra e o jogo com o ator são, o tempo inteiro, re-significados e postos em tensão.

A intenção deste segundo momento é o desvendar nas palavras de Valère Novarina a noção contemporânea de personagem e sujeito na obra *Vocês que habitam o tempo*. As palavras antropogênicas de Valère Novarina nos convidam à experimentação de um outro plano, onde a percepção e o sensorial regem e deslocam nossas certezas provisórias.

O TRANSHUMANO E A ANTROPOGENIA

Nesta segunda parte o estudo se deterá, exclusivamente, na análise do personagem na obra *Vocês que habitam o tempo*. Para tanto, utilizaremos além da própria obra teatral de Novarina já citada, os seus escritos reflexivos sobre a prática teatral. Porém, o foco para a construção deste estudo é a discussão acerca de preceitos e chaves de entendimento que podemos extrair do próprio texto e que nos permitam discorrer sobre alguns aspectos acerca da noção de personagem na contemporaneidade, sempre em paralelo com a reflexão que encontramos na história do personagem teatral.

Iniciaremos um olhar sobre os sujeitos ficcionais que encontramos na obra de Novarina fazendo uma referencia à Robert Abirached e seu livro *La crise du personnage dans le théâtre moderne* quando ele nos elucida que as obras teatrais até o

período moderno se relacionam com a mimesis, ora com uma aproximação da realidade, ora com um afastamento das condições sociais e históricas, como é o caso do teatro simbolista, do teatro do pós-guerra e toda a vanguarda do início do século XX. De acordo com sua conceituação, podemos concluir então que toda a dramaturgia ocidental estaria baseada numa relação entre o que entendemos por ser humano e as relações travadas, internamente ou externamente, com as situações e questões deste seu mundo.

Com esse paralelo podemos então, a partir de pontos encontrados na própria dramaturgia de *Vocês que habitam o tempo*, perceber que as figuras que povoam este texto propõem uma outra relação/ligação com a realidade. Percebendo as relações humanas como interações de certa maneira saturadas no campo da arte, tanto em seu aspecto objetivo, histórico e social, como em seu aspecto subjetivo - as relações pessoais, os conflitos mentais e psicológicos e inclusive os conflitos da ordem do inconsciente - percebemos na obra de Novarina uma tentativa de criação de uma outra mimesis, uma outra realidade. A fala: “esse mundo me é uma prisão” (NOVARINA, 2009-2, p. 158) referindo-se ao mundo das relações humanas, propõe uma chave essencial para o entendimento desse novo universo, que nasce, como uma recusa às regras de comportamento do humano.

Essa outra mimesis, esse outro sujeito que se configura em *Vocês que habitam o tempo*, se mostra a princípio como cotidiano, reconhecível, sendo nominado como “O Vigia”, “A Mulher das Cifras”, “Jean-François” e outros. Podemos identificar um lastro do universo repellido, como numa fuga, na qual ainda se carrega pedaços de seu passado repulsivo. O pesquisador Claudio Serra, descrevendo e refletindo sobre a experiência de montagem do texto de Novarina no artigo *Ensaçando Vocês que habitam o tempo* nos propõe uma leitura que corrobora com este estudo: “os seres que atravessam o texto são cotidianos, mas em momentos extraordinários, o que os coloca em suspenso” (SERRA, 2011, p. 94). O que para Serra se configura como extraordinário, aqui nesta reflexão se estabelece mais certamente como uma fuga, refutando qualquer caráter que se ligue ao humano.

Novarina em uma entrevista concedida à Ângela Leite Lopes, sua tradutora, e outros pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, numa reflexão sobre o trabalho do ator, nos permite fazer um paralelo também sobre a construção de outro universo e desses outros seres ficcionais, quando se refere ao trans-humano:

tem um novo corpo que aparece em cena e que é submetido a outras leis materiais, uma espécie de aparição, um corpo carregado diante de si, um corpo exterior porque a imagem fundamental que eu tenho bem no fundo é que o ator carrega um corpo diante dele, ele carrega a linguagem diante dele. Ele apresenta seu corpo. Ele é trans-humano. Ele sai da definição do homem. O ator vem destruir o ídolo humano que se reconstitui o tempo todo, porque os homens são fundamentalmente fabricantes de ídolos. O teatro vem destruir as imagens prontas do homem. (NOVARINA apud LOPES, 2011, p. 22)

A partir desta reflexão de Novarina, podemos então estabelecer que, o trabalho com o personagem, que encontramos na obra *Vocês que habitam o tempo* se dá numa tentativa de construção de uma nova mimesis, que se estabelece então fora das conexões do humano, e que instaura uma vivência que podemos então intitular trans-humana.

Essa outra mimesis, a trans-humana, como que mergulhada no escuro da nossa contemporaneidade, profetiza um futuro, um vir-a-ser que a arte revela, o presságio do vindouro, para propor então um “projetivo passado” (NOVARINA, 2009-2, p. 155)

E nessa criação de uma outra ordem que vai reger esta dramaturgia, *Vocês que habitam o tempo*, podemos refletir sobre o sujeito a partir de uma fala de Valère Novarina, extraída da mesma entrevista a Ângela Leite Lopes. Ele diz: “e tem também essa sensação, ao escrever (que eu tive principalmente quando escrevi *Vocês que habitam o tempo*) que a linguagem é antropogênica. Você atira uma palavra, ou você quebra uma palavra e isso vai produzir homem” (NOVARINA apud LOPES, 2011, p. 23).

Isso nos leva a crer que a invenção de homens através da palavra é o ponto central para que se possa investigar o ser ficcional presente nesta obra. A palavra atirada, quebrada, como nos diz Valère Novarina, tende a produzir um ser igualmente fragmentado, que, fora das convenções de fala do nosso cotidiano, somente pode ser considerado um homem retirado da nossa percepção realista de humano.

O texto revela, então, a criação desses outros sujeitos ficcionais, que não mais dão ordem e características anteriores às suas próprias palavras, mas que instauram o sujeito através da linguagem. Em seu texto *Diante da Palavra*, o autor afirma que “as palavras precedem as coisas” (NOVARINA, 2009-1, p. 18) numa relação direta à última fala da primeira cena “[vamos] preceder tudo o que segue” (NOVARINA,

2009-2, p. 147). Como num convite, o texto aponta que o leitor deve tomar a palavra como origem de tudo o que se apresenta no texto, numa nova lógica. A palavra aparece como precedente, anterior a qualquer aspecto cria em sua origem um novo universo, um novo sujeito a partir das palavras. Na dramaturgia, encontramos a indagação “será que minha boca cabe bem nessas palavras?” (NOVARINA, 2009-2, p. 157) que inverte a ordem de relação que encontramos na tradição teatral, quando as palavras é que deviam caber na boca dos personagens. Diferentemente da tradição que preconiza um personagem que fala, aqui o sujeito é falado.

Porém a relação com a palavra passa por diferentes aspectos nesta obra de Novarina. A mais importante e que se apresenta como base para a interpretação das outras estratégias de linguagem é a percepção da palavra enquanto fala e não enquanto comunicação. No texto *Diante da Palavra*, Novarina afirma que o homem tem, cada vez mais, se apropriado da palavra como comunicação, igualmente aos outros animais da Terra, que se utilizam de sons para se relacionarem com os outros animais de maneira objetiva:

eis que agora os homens trocam entre si palavras como se fossem ídolos invisíveis, forjando nelas apenas uma moeda: acabaremos um dia mudos de tanto comunicar; nos tornaremos enfim iguais aos animais, pois os animais nunca falaram mas sempre comunicaram muito-muito bem. Só o mistério de falar nos separava deles. (NOVARINA, 2009-1, p. 13)

Novarina nos convida, então, a perceber a palavra como fala, como chamamento, que se relaciona com a invenção e a retirada da palavra como dependente das coisas, o autor elucida:

Falar não é comunicar. Falar não é trocar nem fazer escambo – das idéias, dos objetos – falar não é se exprimir, designar, esticar uma cabeça tagarela na direção das coisas, dublar o mundo com o um eco, uma sombra falada; falar é antes abrir a bocal e atacar o mundo com ela, saber morder. O mundo é por nós furado, revirado, mudado ao falar (NOVARINA, 2009-1, p. 14)

Interligando todas as nossas reflexões nesta introdução, o autor sintetiza “a fala não é humana” (NOVARINA, 2009-1, p. 16). Essa afirmação religa a condição da fala, da voz, como geradora de universos outros que por sua vez, intrinsecamente, nos proporciona uma nova condição do ser ficcional. Esta é a primeira qualidade da linguagem neste texto, perceber a palavra enquanto fala e não enquanto comunicação,

e, a partir dessa condição, cada estrutura lingüística, em cada momento de aparição no texto, articula um entendimento de sujeito de maneira diferente, revelando cada vez mais as suas contradições e intersecções entre cada momento do texto.

Este estudo pretende apresentar e analisar as estratégias de construção dos sujeitos presentes no texto *Vocês que habitam o tempo*. Ou seja, discutir quais seriam as ferramentas da linguagem que criam esses seres ficcionais e que instauram uma outra proposição. E como que esta instância enunciativa se relaciona com a tradição teatral, num jogo de assimilação e repulsão de procedimentos dramatúrgicos.

É a partir dessa perspectiva que iremos abordar os seres ficcionais desta obra. Acredita-se que todos os seres que aqui se apresentam, não se encaixam na idéia de realidade, de nosso tempo e lutam para entenderem a si próprios e para reinventar-se. Essa reinvenção somente se dá através da palavra, da fala.

A partir do exposto acima, a pesquisa segue apresentando e analisando mais sistematicamente as maneiras, os procedimentos, e as ferramentas empregadas pelo autor em seu texto para construir os sujeitos ficcionais, considerando sempre o valor atribuído as palavras e sua reflexão sobre o tempo. É nessa experiência singular que *Vocês que habitam o tempo* proporciona ao leitor e ao teatro que pretendemos repensar a figura do personagem, do ser ficcional na contemporaneidade.

O próprio texto parece nos dar a chave de entendimento: “aquilo que não se pode falar, é isso que é preciso dizer” (NOVARINA, 2009-2, p. 152), e, para tanto o desafio deste trabalho se dá justamente na tentativa de desvendar o escuro. A contemporaneidade dessa obra reflete uma perspectiva fora de nossos pensamentos objetivos, fora da nossa condição de pesquisadores críticos. Para tanto, é necessário aguçar o leitor sensível, sensorialmente. *Vocês que habitam tempo* nos desafia como dramaturgia, tal como tantas outras em obras da atualidade, que submersas na escuridão de nosso tempo, se revelam incitantes e provocadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIRACHED, Robert. La crise du personnage dans le théâtre moderne. Paris:Gallimard, 1994
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo?. In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos. 2009.
- LOPES, Ângela Leite; KFOURI, Ana; REYS, Bruno Netto (org.). Novarina em cena, Rio: 7Letras, 2011

NOVARINA, Valère. Diante da palavra, tradução de Ângela Leite Lopes, Rio: 7 Letras, 2009-1

_____. O ateliê voador e Vocês que habitam o tempo, tradução de Ângela Leite Lopes, Rio: 7Letras, 2009-2